



Maria Cristina, instrumentadora cirúrgica, 37 anos, submeteu-se a um coquetel de tratamentos para a pele durante quatro meses e aprovou

Rejuvenescer sem a 'cara esticada'

■ Mulheres procuram meios alternativos à cirurgia plástica para se manterem belas

FABRÍCIO MARQUES

SÃO PAULO — A cirurgia plástica melhora a aparência, mas nunca teve o dom de parar o relógio do tempo. A novidade é que os pacientes finalmente se deram conta desta limitação. Nos consultórios dos cirurgiões, as mulheres preocupam-se em melhorar o visual, mas morrem de medo de ficar com o semblante artificial que as atrizes cinquentonas exibem nas novelas. "Quero dar uma levantada no rosto, mas pelo amor de Deus, doutor, não vá me deixar com a cara esticada", pedem 10 entre 10 pacientes.

A abordagem mais moderna da cirurgia plástica propõe-se a dar aos pacientes uma aparência bonita e saudável, sem aquela paranóia de esconder a idade. Para os médicos, esta nova tendência se traduz em mais trabalho. Já não se fazem hoje operações cujos efeitos durem mais do que cinco anos. Antigamente, as plásticas radicais duravam até uma década. "É tudo uma questão de onde fazer a incisão e como puxar os músculos da face", diz o cirurgião

paulista Paulo Jatene. "Se você dá só uma puxadinha, o resultado é suave. Se puxa demais, fica parecendo a ex-primeira-dama Dulce Figueiredo", compara.

Para ampliar o resultado da operação, Paulo Jatene (que é primo distante do ministro da Saúde Adib Jatene) usa outros artificios. Costuma aplicar na face porções de gordura extraída do próprio paciente. Assim, tira aquela feição angulosa e descarnada que aumenta com a idade. "O metabolismo acaba absorvendo parte da gordura, mas com três aplicações o rosto fica mais cheio", afirma. As injeções de gordura são usadas também para aumentar os seios, em substituição às próteses de silicone. O único problema é que o material injetado pode atrapalhar o diagnóstico de uma mamografia, sendo interpretado como câncer.

Toxina — Se as limitações da cirurgia plástica são mais aceitas, também avançam os tratamentos fora do bisturi tradicional. Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o médico paulista Munir Khoury está aplican-

do em seus pacientes injeções de uma toxina capaz de diminuir as rugas de expressão. Na natureza, esta toxina causa o botulismo, paralisia dos músculos pulmonares que pode matar por asfixia. "Mas usamos quantidades mínimas da toxina", ressalva ele. Aplicada sobre a ruga, a toxina paralisa alguns músculos da face e ajuda a desfazer o ar carrancudo do rosto. Encerrado o efeito, de algumas semanas, é necessária nova aplicação.

Uma clínica paulista especializou-se no tratamento estético de mulheres que querem evitar a operação plástica. A instrumentadora cirúrgica Maria Cristina Monteiro de Paulo, 37 anos, submeteu-se durante quatro meses a um coquetel de tratamentos, chamado *The skin program*. Recebeu aplicações de ácido glicólico na face que provocaram descamação e o surgimento de uma pele mais saudável. Também passou a tomar complexos vitamínicos e usar um tipo específico de creme para sua pele oleosa. Pagou R\$ 400 pelo pacote e gostou. Agora tem

de voltar periodicamente à clínica para tratamentos de manutenção.

A depender do caso, a clínica também usa um equipamento que queima células mortas da pele com um feixe de luz e trata a celulite com estímulos elétricos. Maria Cristina ainda nem chegou aos 40 anos, mas já pensa em evitar a operação plástica. "Não ligo para envelhecer. Só quero me manter bonita", afirma ela. "Acho que a plástica é uma coisa meio fraudulenta. Não me interessa parecer o que não sou", diz ela. Maria Cristina está longe de ser um exemplo isolado. "Já atendi a mais de 400 pacientes que querem rejuvenescer sem fazer plástica", diz o cirurgião paulista Herbert Gauss Júnior, um dos donos da clínica. "As mulheres, principalmente as que se destacam no mercado de trabalho, estão preocupadas em manter uma aparência sempre saudável. Mas muitas preferem não fazer cirurgias de rejuvenescimento. Elas temem se tornar alvo de comentários no emprego", afirma.